

A PRODUÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR: APONTAMENTOS ACERCA DO ERRO E RESILIÊNCIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

¹Tatiane Dantas Silva de Jesus
Universidade Estadual de Londrina
tatydantas17@gmail.com

RESUMO

O presente estudo realizou alguns apontamentos acerca do fracasso escolar tendo em vista as questões históricas e sociais que permearam as produções teóricas acerca desta temática. Foi possível perceber que explicações para o fracasso escolar estavam diretamente ligadas ao modo capitalista de compreender a realidade e que esse discurso preservava a situação de dominação sofrida pelas famílias mais pobres o que favoreceu a naturalização do não aprender em uma sociedade marcada pela divisão de classes e injustiças sociais. Sendo assim, o fracasso escolar pode ser compreendido como um fenômeno que expressa a complexidade da sociedade atual, produzido por múltiplas determinações. Outro aspecto destacado diz respeito à questão do erro no cotidiano escolar. Buscou compreender como este fato tem sido concebido, suas conseqüências para a aprendizagem e o papel da escola enquanto ambiente propício para a promoção da resiliência, uma vez que a superação do erro pode estar relacionado a possibilidade da pessoa se construir positivamente frente às adversidades. Posto isso, devemos caminhar no sentido de superar as concepções que culpabilizam e/ou patologizam os alunos isoladamente pelo seu fracasso sem considerar o contexto social, político e econômico no qual está inserido, passando a olhar com mais atenção para seu cotidiano e para as interações que este sujeito estabelece com seus pares. Tendo em vista esses objetivos, a promoção da resiliência no ambiente escolar constitui-se em um meio para a superação das adversidades que surgem a partir dos erros cometidos pelos estudantes visando o sucesso na escolarização.

Palavras chave: Educação, Fracasso, Erro, Resiliência.

INTRODUÇÃO

A produção teórica que permeia o campo educacional acerca do fracasso escolar nas últimas décadas tem sinalizado questões relevantes sobre esse fenômeno que emerge e se materializa em nossa sociedade de modo avassalador. Por esse motivo, considero que, escrever sobre esse assunto, constitui-se em um grande desafio.

¹ Discente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu – Mestrado em Educação – Linha de Pesquisa: Aprendizagem e Desenvolvimento Humano em Contextos Escolares.

Apesar dos avanços obtidos em pesquisas relacionadas ao estudo e compreensão dessa temática, é certo que ainda há um longo trajeto a ser percorrido para que se possa efetivamente reconstruir novos conceitos sobre esse fenômeno que se faz presente especialmente nas escolas de ensino público.

Tendo em vista a complexidade desse assunto e os diversos posicionamentos defendidos pelos pesquisadores da área, pretendo tecer algumas considerações sobre o fracasso escolar considerando especialmente a análise presente na obra de Maria Helena Souza Patto intitulada “*A produção do Fracasso Escolar*” e os apontamentos publicados por José Sérgio de Carvalho no livro “*Erro e Fracasso na Escola*”, relacionando-os à promoção da resiliência por entender que tais estudos são relevantes para subsidiar apontamentos referentes ao tema. Outros autores também serão mencionados com vistas a corroborar com as ideias contidas nas obras supracitadas.

A Produção do Fracasso Escolar: Uma síntese da obra de Maria Helena Souza Patto.

É possível perceber ao longo da produção teórica sobre o fracasso escolar que o não aprender tem história. Uma história carregada de preconceitos e estereótipos. Esse fato, na maioria das vezes, esteve relacionado à pobreza, acarretando em uma naturalização do baixo desempenho escolar especialmente no que diz respeito às classes menos favorecidas.

Ao realizar uma pesquisa sobre as origens históricas do fracasso escolar, Patto (1999) indica como as explicações para o fracasso escolar estavam diretamente ligadas ao modo capitalista de compreender a realidade, e como esse discurso preservava a situação de dominação sofrida pelas famílias mais pobres. Esclarece sobre as questões políticas que envolvem a abordagem dos problemas escolares, onde fica evidente o interesse e a manipulação das classes dominantes.

A relação existente entre os altos índices de reprovação e abandono escolar nos primeiros anos de escolarização da escola pública levaram Patto a realizar um balanço da produção especializada desde o início do século XVIII até a publicação de seu livro. Esse resgate tem como objetivo elaborar um quadro de referências (histórico e social) que possibilite uma reflexão sobre a natureza das concepções

dominantes naquela época a respeito do fracasso escolar em uma sociedade de classes.

Esse percurso possibilita a compreensão do advento das sociedades industriais capitalistas, dos sistemas nacionais de ensino e das Ciências Humanas, destacando-se aqui a Psicologia. Essa trajetória permite desvendar a hegemonia do pensamento liberal e de ascensão da burguesia, uma vez que se fazia presente o discurso da crença na possibilidade de uma sociedade igualitária e democrática. A escola é considerada um instrumento de ascensão e prestígio social. Nesse contexto, explicar as desigualdades de uma sociedade com modo de produção capitalista tornou-se o foco de ciências como a Sociologia e a Psicologia.

O surgimento da Escola Nova propicia o reconhecimento da especificidade psicológica da criança, seu processo de aprendizagem, bem como novas maneiras de desenvolver suas potencialidades. Nesse período a Pedagogia e a Psicologia nascem impregnadas do espírito liberal e se dispuseram a identificar e promover os indivíduos considerados mais capazes, independente de sua classe social ou etnias. Nas palavras de Patto (1999, p.63), a "pedagogia nova e a psicologia científica nasceram imbuídas do espírito liberal e propuseram-se, desde o início, a identificar e promover os mais capazes, independentemente de origem étnica e social", o que era muito difícil devido seletividade social que era mantida na escola. No entanto, cabe ressaltar que, tais ciências estavam embebidas pela mesma ideologia que reforçava os ideais franceses, apesar da intenção de revertê-los.

No decorrer de seu livro podemos perceber que a autora aponta os mecanismos e as teorias que vão surgindo para tentar explicar o fracasso escolar presente na população de baixa renda na escola. A Psicologia propõe desde a Teoria da Hereditariedade da inteligência onde os negros e pobres são considerados inferiores aos demais até a Teoria do Déficit ou Carência Cultural que não permite ao aluno diferente das classes mais privilegiadas desenvolver-se ou competir de maneira igualitária. Durante esse período, no Brasil, existiam fortes pensamentos preconceituosos contra o negro, mestiço e o índio, que eram considerados inferiores e com personalidade selvagem. É possível perceber que a autora dispensa grande parte de sua análise à preocupação existente na época de se estabelecer precocemente as possíveis causas do não aprender aos alunos, como se este rótulo fosse justificar a desigualdade de oportunidades e o caráter seletivo da escola.

Nesse período a Psicologia científica, por meio dos resultados dos testes de inteligência oferece a explicação e a mensuração das diferenças individuais, consolidando a ideia de que os mais capazes ocupam as melhores posições na sociedade. Dessa forma, o mérito e o esforço pessoal seria o único critério utilizado para seleção educacional e social, o que justificaria os lugares sociais ocupados pelos indivíduos.

A Psicologia, ao investigar as dificuldades de aprendizagem escolar, é fortemente influenciada pela concepção organicista das aptidões humanas (impregnada de pressupostos elitistas e racistas) e por uma concepção que considera as influências ambientais. Dessa forma, apresenta uma explicação sobre as causas do fracasso escolar recheada de ambigüidades, e esse discurso fundamenta a Teoria da Carência Cultural e o insucesso escolar nos países capitalistas ao longo do século XX. (PATTO, 1999).

Ao analisar ideologicamente essa teoria, a autora enumera três causas para as dificuldades de aprendizagem das crianças das classes populares, sendo elas: as condições de vida da criança, a falta de adequação da escola pública para trabalhar com esses alunos e ainda, em relação à figura do professor, destaca a ausência de sensibilidade e de conhecimentos da realidade vivida pelos alunos devido à distância cultural existente entre eles.

Infelizmente a escola vai se apropriando dessas teorias, pregando um discurso de uma educação igualitária. No entanto, a responsabilidade do fracasso escolar ora é depositada no aluno ou na sua própria inadequação ao sistema ou a fatores externos.

Tendo como referência o balanço da produção realizada realizado por Patto (1999), no qual os textos publicados nas Revistas Brasileiras de Estudos Pedagógicos têm um lugar de destaque, é possível visualizar a construção histórica do conhecimento pedagógico no Brasil e de como tal conhecimento embasou a organização e a prática do sistema de ensino em nosso país. Desde o manifesto dos pioneiros, passando pelo tecnicismo da década de 70 e as teorias crítico-reprodutivistas, a característica marcante do pensamento escolar nesses períodos é o preconceito e a forte crença na inferioridade intelectual das classes subalternas. As publicações acerca da Teoria da Carência Cultural possibilitaram pensar o papel da escola no âmbito de uma concepção crítica de sociedade e forneceram

ferramentas conceituais para a análise dessas instituições sociais enquanto lugares nos quais se exercem a dominação cultural.

Patto (1999) indica a necessidade de questionarmos o discurso de que o fracasso é culpa do aluno ou de sua família e nos chama a atenção para a proporção muito maior dos determinantes institucionais e sociais na produção do fracasso escolar do que problemas emocionais, orgânicos e neurológicos, rompendo, portanto, com as visões psicologizantes, da carência cultural e das dificuldades de aprendizagem.

Na literatura podemos encontrar outros autores como Souza et al (1989) e Collares & Moyses (1996) que representam correntes teóricas que buscam romper com as práticas estigmatizadoras nas escolas públicas e tem apresentado valiosas contribuições com vistas a superar os preconceitos e mitos ainda presentes nas instituições de ensino em relação ao fracasso escolar.

Na contra mão dos discursos que apresentam possibilidades de generalização das causas do fracasso escolar, Lahire (1997), realizou um estudo onde analisou diferentes estruturas familiares e fatores que poderiam estar diretamente relacionados à questão. O autor relatou casos de sucesso de crianças que conviviam em ambientes tidos como inadequados por conta de sua pobreza para o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, bem como casos de fracasso de crianças que conviviam em ambientes considerados favoráveis para seu desenvolvimento e aprendizagem. Baseando-se nos diferentes e inusitados resultados encontrados em sua pesquisa, o autor formula uma argumentação oposta às posições que atribuem uma única causa ao fracasso escolar:

De certo modo, essas diferentes hipóteses procuram centrar a interpretação das situações improváveis de “êxito” sobre um fator explicativo dominante, sobre um *primum mobile*, enquanto as configurações familiares efetivas deixam claras combinações sempre específicas de certos traços pertinentes. (...) Estes diferentes modelos implícitos ou explícitos de “sucesso” (que cada pesquisador, segundo sua própria trajetória social, tem tendência a universalizar) tendem a fazer esquecer que as combinações entre as dimensões moral, econômica, política, religiosa podem ser múltiplas e que os graus de “êxito” comparáveis sob o ângulo dos desempenhos, dos resultados, podem esconder às vezes estilos de sucesso diferentes (LAHIRE, 1997).

Posto isso, Patto sinaliza que, para não recairmos nos erros do passado em relação às concepções acerca do fracasso escolar, especialmente aquelas relacionadas de alguma maneira a pobreza, é necessário repensar a questão do método, visto que a produção científica na área mostra dificuldades e impasses metodológicos. O referencial teórico-metodológico utilizado baseia-se nas ideias da pensadora marxista húngara Agnes Heller que destaca em suas reflexões as questões acerca do indivíduo, trazendo para discussão suas atividades de sobrevivência. O indivíduo e sua cotidianidade representam o ponto de partida para a análise de suas interações e a tomada de consciência de sua própria alienação e superação dessa condição.

Apontamentos acerca do Erro, Resiliência e Fracasso escolar: Implicações no contexto educacional.

Tendo em vista que o ser humano encontra-se em constante processo de desenvolvimento e aprendizagem, o erro deveria ser considerado algo natural, seja nos aspectos relacionados à vida profissional, pessoal ou escolar. No entanto, o erro cometido especialmente em tarefas escolares – foco desse texto – são publicamente expostos e inadmissíveis por aqueles que possuem o poder, tanto dentro quanto fora da instituição escolar. Aqueles que erram são excluídos simbolicamente da escola e, muitas vezes, privados do direito a fruição de bens culturais e materiais produzidos pela humanidade.

Isto posto, em se tratando de educação escolar, nos parece quase que impossível não analisarmos a questão do erro, como este fato tem sido concebido e quais suas implicações na vida do estudante. É possível perceber que, essas questões, muitas vezes, vêm acompanhadas de pensamentos negativos e pejorativos quanto à aprendizagem. É nesse sentido que buscamos relacionar a resiliência com as colocações de Carvalho (1997) por considerar que seu texto intitulado *“As noções de Erro e fracasso Escolar”* publicado no livro *“Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas”*, organizado por Júlio Groppa de Aquino, é um convite a repensarmos sobre a temática juntamente com as contribuições de outros pesquisadores.

De modo geral, o erro é associado aos estudantes considerados pouco engajado, desatento, desinteressado e preguiçoso, características que aos poucos vão sendo incorporadas por eles. Como consequência, temos a consolidação de “[...] práticas corretivas autoritárias, com implicações na autoestima do aluno, ao estimular sentimentos de rejeição, fracasso e incapacidade para aprender.” (PINTO, 1999, p. 98). Essa forma de compreender o erro contribui de maneira significativa para exclusão e segregação escolar, uma vez que esse aluno foge a norma estabelecida por essa instituição.

Teixeira e Nunes (2008) afirmam que o erro nem sempre aponta a falta de um conhecimento ou o não domínio de uma determinada informação. Para as autoras, o erro pode se configurar em um potente sinalizador da trajetória traçada pelo aluno na tentativa de sanar suas dúvidas e avançar em termos de aprendizagem e desenvolvimento. Elas registram que o erro é um:

[...] sinalizador da aprendizagem e do movimento vivenciado pelos alunos durante esse processo, podendo, daí, iniciar as aprendizagens já realizadas, os saberes consolidados e, também, construir novos saberes, tendo o espaço da sala de aula como locus privilegiado para intervenções e mediações pedagógicas. (TEIXEIRA; NUNES, 2008, p. 78).

Dessa forma, o erro pode revelar aspectos relevantes quanto ao ensino e a aprendizagem. No entanto, é necessário lançar um novo olhar acerca das produções dos alunos com o intuito de compreendê-lo e não apenas julgá-lo como incapaz. Perrenoud (2010) afirma que os erros não precisam ser combatidos, mas devem ser ressignificados, pois uma vez compreendidos eles podem ser superados.

Nesse sentido a superação do erro pode estar relacionado à possibilidade da pessoa se construir positivamente frente às adversidades por meio da utilização de estratégias de enfrentamento, o que na literatura chamamos de resiliência.

Vários autores ressaltam a importância da resiliência na educação escolar. De acordo com Antunes (2007), Barbosa (2006), Tavares (2001), Varela, (2005), a instituição escolar pode ser considerada um dos espaços mais eficazes para a promoção de resiliência a ser utilizado pela sociedade, pois reúne uma diversidade de sujeitos e ainda articula o profissional docente ao aluno, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento humano.

Entender os princípios da resiliência é refletir sobre a capacidade de superação e evolução humanas (MELILLO, 2005). Corroborando com essa idéia, Tavares (2001) afirma que:

A resiliência é a capacidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates – uma característica de personalidade que, ativada e desenvolvida, possibilita ao sujeito superar-se e às pressões de seu mundo, desenvolver um autoconceito realista, autoconfiança e um senso de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, à mudança, ao outro e à realidade subjacente (Tavares, 2001, p.29)

O autor ainda afirma que ajudar as pessoas a descobrirem as suas capacidades, aceitá-las e confirmá-las positiva e incondicionalmente é, em boa medida, a maneira de torná-las mais confiantes e resilientes para enfrentar a vida do dia-a-dia por mais adversa e difícil que se apresente (TAVARES, 2001, p.52). Dessa forma, o erro no contexto escolar pode ser considerado uma estratégia de enfrentamento às adversidades quando as interações estabelecidas nesse contexto propiciam o crescimento do sujeito frente as suas dificuldades de escolarização.

Carvalho (1997) propõe a reflexão sobre a questão erro a partir de dois questionamentos: “Mas seria o erro um indício do fracasso no conhecimento e na aprendizagem como se houvesse uma ligação de causa e efeito? Poderíamos não apenas dissociá-los, mas, por exemplo, sugerir outros pares, como *erro* e *conhecimento*, *erro* e *êxito*?” E vai além, dizendo que para muitos, talvez, *erro* e *conhecimento* ou *erro* e *êxito* não seja impossível, mas pelo menos estranho, bizarro. Destaca ainda o fato de que existem pensadores, neste caso, os filósofos, para quem o erro possa ser associado a outras noções, como por exemplo, esperança, conhecimento e aprendizagem. Os filósofos têm muito a nos dizer, especialmente por estar mais distante das preocupações pedagógicas e por refletirem sobre o papel do erro para o conhecimento, para a aprendizagem ou para algum outro aspecto da conduta humana. (CARVALHO, 1997).

O autor nos alerta quanto aos cuidados que devemos ter ao associarmos o erro e fracasso como causa e conseqüência, uma vez que existem vários tipos de erros e que estes podem ser interpretados de maneiras diferentes:

Quando associamos erro e fracasso, como se fossem causa e consequência, por vezes nem se quer percebemos que, enquanto um termo – o erro – é um *dado*, algo objetivamente detectável, por vezes, até indiscutível, o outro - o *fracasso* – é fruto de uma interpretação desse dado, uma forma de o encararmos e não a consequência necessária do erro [...] a primeira coisa que devemos examinar é a própria noção de que erro é inequivocadamente um indício de fracasso. A segunda questão intrigante é que, curiosamente, o fracasso é sempre o fracasso do aluno (CARVALHO, 1997).

O autor nos convida primeiramente a examinar a noção que temos do erro enquanto um indício de fracasso, salientando que existem vários tipos de erro e que estes podem sugerir diferentes interpretações. Outro aspecto destacado é o fato de que, o fracasso é sempre do aluno. Dessa forma, o autor quer demonstrar que, a constatação do erro, não significa de imediato que não houve aprendizagem e muito menos o fracasso, seja da aprendizagem, seja do aluno. Devemos ter um olhar apurado e perceber a complexidade de variáveis que permeiam o erro.

Uma das questões a serem discutidas acerca do erro quando o situamos no contexto escolar é o fato de que uma questão ou resposta errada por parte do aluno podem explicitar ao menos duas situações totalmente distintas: [...] a ignorância, a confusão ou o esquecimento de um dado, uma informação, ou então a ignorância ou malogro de uma operação, por meio de uma tentativa frustrada de aplicação de uma regra ou de um princípio na resolução de um problema. (CARVALHO, 1997. p.13).

Posto isso, o autor trás para a discussão os diferentes tipos de saber. Em suas palavras:

[...] Tal distinção, embora aparentemente trivial, é fundamental para compreender a tarefa pedagógica de um professor, assim como a natureza dos objetivos na aprendizagem escolar, e, conseqüentemente, para reavaliarmos as expectativas e as relações entre erro, avaliação, êxito e fracasso. (CARVALHO, 1997. p. 13)

Sinaliza, com inúmeros exemplos práticos e do cotidiano escolar, que existem vários tipos de saber e que é preciso diferenciar os erros de informação e os problemas no desempenho de capacidades nos chama atenção para a importância de levarmos em conta o contexto no qual o erro acontece. E adverte:

Avaliar o desenvolvimento de uma capacidade exige a determinação do grau de desempenho prévio do aluno, do nível de seu progresso, e, sobretudo da pertinência de nossas exigências ante as

possibilidades e necessidades reais desse aluno – o que é notadamente diferente de apontar um erro de informação. (CARVALHO, 1997. p. 13).

Os erros cometidos durante o recolhimento de uma informação podem ser vistos como parte integrante da aprendizagem, não sendo, portanto, culpável ou punível. Ao contrário, podem ser utilizados para revelar a natureza das representações, lógicas e estratégias elaboradas pelo aluno para o enfrentamento das adversidades no contexto escolar. Esses apontamentos nos fazem refletir sobre a necessidade de repensar a noção de erro, suas conseqüências para a aprendizagem e o papel da escola enquanto ambiente facilitador para a promoção da resiliência.

Para que o ambiente escolar se constitua em um local propício ao desenvolvimento da resiliência é necessário um olhar atento do docente, pois a ele precisa ser oportunizado construir essa condição resiliente diante das adversidades que a ele se impõe.

Sendo assim, se faz necessário fortalecer as relações no ambiente escolar, propiciando:

Um clima dialógico na comunidade escolar; valorização dos estudantes como protagonistas; trabalho coletivo; autoridade escolar compartilhada, existindo uma evidente liderança dos diretores; planejamento participativo; rotinas e atividades que vão além dos horários escolares; relação de afeto, respeito, diálogo e confiança entre os alunos, professores e gestores; participação da família e da comunidade nas atividades educacionais; ressignificação do espaço físico da escola; incremento da sociabilidade e construção do sentido de pertencimento; gestão inovadora, aberta e flexível às mudanças; administração eficiente; estabilidade de recursos financeiros e materiais necessários às atividades [...] (ASSIS, 2006, p. 78).

Nesse contexto, cabe ao professor, assumir o papel de instigador de curiosidades, de ajudante no processo de autoconhecimento e de automotivação do estudante, de estimulador de relações interpessoais saudáveis e de especialista na administração do tempo (ANTUNES, 2007).

Sobre o erro no contexto escolar Hoffmann (1998, p.14) afirma que "[...] sucesso e fracasso em termos de aprendizagem parece ser uma perigosa invenção da escola." Para a autora é possível questionar os indicadores desses conceitos,

que, muitas vezes associam inadequadamente o certo ao bom e verdadeiro e o errado ao ruim e fracassado.

Dessa forma, podemos dizer que o erro possui uma multiplicidade de conceitos, que podem ir desde a inclusão/exclusão do sujeito ou partir de uma lógica de construção/desconstrução de um novo conhecimento, o que por sua vez reflete diretamente no processo de aprendizagem se constituindo em um fator decisivo para o sucesso ou fracasso escolar.

Outro aspecto relevante citado por Carvalho (1997, p. 18) diz respeito à importância do conceito de discernimento [...] para a compreensão das tarefas de ensino e aprendizagem de uma capacidade no contexto escolar bem como para a noção do erro e suas possíveis interpretações. Segundo o autor:

O discernimento resulta em independência e capacidade de ajuizamento daquele que aprende, características que, no limite, estão entre os mais importantes objetivos da escolarização. À informação, que poderia ser simplesmente um peso morto do passado, o discernimento confere o caráter de uma herança viva em que o aluno é iniciado. (CARVALHO, 1997).

No entanto, ao considerar o conceito de discernimento importante para a compreensão do erro e suas possíveis interpretações, Carvalho (1997) afirma que para tal processo ocorrer não há uma resposta pronta, ou seja, devido as especificidades do ser humano os critérios de avaliação para cada capacidade poderá mudar, assim como as estratégias de ensino. Por esse motivo:

O contexto escolar deveria ser o local por excelência das tentativas próprias de resolução de problemas, seguidas de um exame crítico por parte do professor. Se é verdade que eventualmente aprendemos de todos aqueles que nos rodeiam, é inegável que os professores e as escolas tem no ensino e na aprendizagem não uma meta eventual, mas a razão de ser o seu trabalho. Não existimos para decretar fracassos, mas para promover aprendizagens. E nessa tarefa os erros, frutos das tentativas de operar com novos conceitos e procedimentos, têm um papel fundamental, posto que a partir de seu exame crítico desenvolve-se o discernimento. (CARVALHO 1997, p. 20)

Posto isso, cabe deixar claro que na perspectiva de Carvalho (1997) o erro não deve ser visto de maneira romântica ou psicologizante, pois apontar um erro pode significar instrumentalizar os alunos para que adquiram capacidades. Nesse

processo, o papel do professor é extremamente relevante uma vez que irá sinalizar os caminhos a serem percorridos pelos alunos visando o sucesso na aprendizagem. Nessa perspectiva, o erro pode ser considerado uma oportunidade de ensino e de fortalecimento do sujeito frente às adversidades e ainda ser associado à esperança, conhecimento e êxito, desvinculando-o a ideia de fracasso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas se constituem em um recorte de alguns desdobramentos possíveis para o estudo do tema, tecidas a partir de apontamentos históricos e sociais que durante décadas foram reproduzidas no contexto escolar. Um deles mais especificamente relacionado às explicações para o fracasso escolar relacionando-o com as condições sociais e culturais do sujeito em desenvolvimento e o outro diz respeito à questão do erro que também se faz presente no cotidiano escolar, e muitas vezes, é compreendido somente como um indício de fracasso somente por parte do aluno.

As questões relacionadas ao desafio de compreender o fracasso escolar exigem aprofundamento maior nas discussões coletivas desse tema nas instituições de ensino e órgãos governamentais visando apontar as possibilidades de superação e organização de ações que possibilitem a ressignificação e a construção de sucesso no âmbito educacional. Nesta análise, o fracasso escolar passa a ser compreendido como um fenômeno que expressa a complexidade da sociedade atual, produzido por múltiplas determinações.

Esses apontamentos são alguns de muitos que permeiam o processo educacional e nos faz, enquanto pesquisadores, repensar tais concepções de maneira crítica com vistas a contribuir para a construção de um novo conhecimento acerca do que já está posto. Nesse sentido é possível pensar a escola enquanto espaço de reflexão acerca dos problemas educacionais almejando então o rompimento de práticas cristalizadoras que rotulam e estigmatizam as crianças pobres. Posto isso, devemos caminhar no sentido de superar as concepções que culpabilizam e/ou patologizam os alunos isoladamente pelo seu fracasso sem considerar o contexto social, político e econômico no qual está inserido, passando a

olhar com mais atenção para seu cotidiano e as interações que este sujeito estabelece com seus pares.

Refletir sobre a questão do erro na escola inserida em uma sociedade contemporânea é pensar em reorientar o ser humano no mundo, é reconfigurar o espaço e o tempo de aprender e ensinar, é reelaborar a cultura pessoal e profissional. Tendo em vista esses objetivos, a promoção da resiliência no ambiente escolar é importante para a superação das adversidades que podem surgir a partir dos erros de escolarização cometidos pelos estudantes, para estabelecer vínculos de sociabilidade, atitudes e comportamentos positivos, reafirmando valores e evitando, dessa forma, o isolamento social que leva a outros problemas graves como violência e a discriminação.

O ambiente escolar poderá ser resiliente se os professores compreenderem a importância de trabalhar estratégias e mecanismos capazes de fortalecer a capacidade dos alunos lidarem com suas dificuldades

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BARBOSA, G. S. **Índices de resiliência: análise em professores do Ensino Fundamental**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100014&script...>>. Acesso em: 11 jun. 2013.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. As noções de erro e fracasso no contexto escolar: algumas considerações preliminares. In: AQUINO, Julio Groppa. **Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997, p 11-24.

COLLARES, C. A. L. e MOYSES, M. A. A. **Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização**. São Paulo: Cortez, 1996.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mediadora**. Uma Prática em construção da Pré-escola à Universidade. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

LAHIRE, B. (1997). **Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável** (R. A. Vasques & S. Goldfeder, Trans.). São Paulo: Ática.

MELILLO, A. OJEDA, E. N. S. e cols. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed 2005.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar:** historias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1999.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar:** convite à viagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PINTO, Neusa B. Erro: uma estratégia para a diferenciação do ensino. In: ANDRÉ, TEIXEIRA, Josele; NUNES, Liliane. **Avaliação escolar: da teoria à prática.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

SOUZA, M. P. R. et al. **A questão do rendimento escolar:** mitos e preconceitos. Serviços de Psicologia Escolar/USP, 1989.

TAVARES, J. (Org.). Resiliência e educação. São Paulo: Cortez, 2001.

VARELA, F. La **resiliencia en y la escuela.** 2005. Disponível em: <http://sepiensa.org.mx/contenidos/2005/d_resiliencia/resiEsc_1.htm>. Acesso em: 29 de maio 2013.